

ISMÁLIA (durante a travessia)

Beatriz Xavier Thomazini

Marquessuel Dantas de Souza

O poema aqui analisado - brevemente - se caracteriza como uma singular produção de um autor não muito estudado atualmente, bem como pouco conhecido quando o observamos diretamente: *Alphonsus de Guimaraens* (1870-1921). Assim como outros poetas, Alphonsus produziu uma obra volumosa, e o elaborado possui uma abundância intelectual e sutil que poucos realmente conseguiram ou conseguem atingir.

Natural de Ouro Preto-MG, Alphonsus de Guimaraens (24 de junho de 1870 a 15 de julho de 1921), pseudônimo de *Afonso Henrique da Costa Guimarães*, faleceu em Mariana, Minas Gerais. Sua produção literária possui uma riqueza inestimável. Quer dizer, seus poemas tem ingredientes que nos faz lembrar muitos autores da literatura mundial. Sua obra literária introduz e traduz muitos aspectos da filosofia e da psicologia de vanguarda. Sua poesia é estranha quando consideramos os padrões da época. Em seus textos podemos ver nitidamente a literatura, a pintura e a música: Platão, Schopenhauer, Novalis, Beethoven, Nietzsche, Goya, Freud, Dostoievski, Tchaikovsky, Augusto dos Anjos, Camilo Castelo Branco, Baudelaire, Rimbaud, Byron, Lispector, Verlaine, Waterhouse, Millais, assim como aspectos do orientalismo entre outras coisas.

O referido autor é considerado como fazendo parte do movimento literário "Simbolismo". Por vezes, o poema *Ismália* apesar de apresentar aspectos do Simbolismo, possui também muito do Romantismo. Especialmente em razão da delicadeza e sensibilidade em contraste com o humor, o drama e o trágico em que Alphonsus coloca sua personagem. O Romantismo presente em *Ismália* não se restringe apenas e tão somente ao movimento brasileiro (podemos citar como ilustrações autores como Álvares de Azevedo, Cassimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Luiz Delfino entre outros). É possível identificarmos similarmente muitos elementos do Romantismo alemão (primeira fase, especificamente) e do Romantismo português e do Romantismo espanhol e francês (notemos que o

expressionismo francês também se acha presente no poema alphonosusiano). Além disso, vemos também que a idéia de forte "depressão" - uma das questões românticas - se estabelece na *ode Ismália*.

Antes de seguirmos, ousaremos o seguinte: *Ismália* representa o íntimo feminino ideal de Alphonus numa árdua disputa inconsciente; isto, do ponto de vista psicanalítico. Sua poesia é voltada para o tema da morte da mulher amada. Nos sugerindo, por assim dizer, uma analogia com o mito de Pigmalião: em que este, como criador de uma estátua, se apaixona pela mesma, idealizando a mulher dos seus sonhos.

Ismália é considerada a obra-prima de Alphonus de Guimaraens. Portanto, vemos nessa relação entre criador e criação, o amálgama de Deus com os homens. Alphonus sendo o Deus que criou a semi-deusa Ismália¹. O poder humano do imaginário no real existencial concreto e simbólico se efetua nesse élan literário.

Vejamos os versos geniais e reluzentes em *Ismália*, de Alphonus de Guimaraens:

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...

¹ Bem entendido, Goethe sabiamente já tenha afirmado que *os deuses se humanizam a fim de divinizar os homens*. [Diremos nós: *os homens se endeusam a fim de humanizar os deuses*]. Com efeito, a arte tem por finalidade transcendentalizar a imanência e de imanentizar a transcendência.

Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...²

O poema *Ismália* fora publicado postumamente em 1923 no livro *Pastoral aos crentes do amor e da morte*. E que integra a série *As canções*. Por vezes, originalmente o poema fora publicado sob o título de *Ofélia*, em **A Gazeta** (São Paulo, 21 de novembro de 1910). Outras versões com pequenas alterações, em relação à primeira, também foram publicadas em 1910: no **Jornal do Comércio** (Juiz de Fora, 04 de dezembro) e em **O Germinal** (Mariana, 4 de dezembro): [a publicação de *A Gazeta*, bem como a publicação do *Jornal do Comércio* apresenta alteração de apenas um verso, na quarta estrofe]. Em 1915 reaparece em **O Alfinete** (de Mariana-MG), com duas modificações, também na quarta estrofe. Por fim, uma versão muito semelhante a de 1915, exceto pelo título - que deixa de ser *Ofélia* e passa a ser *Ismália* - aparece pela primeira vez em 1923 (dois anos após a morte do autor, como já nos referimos). Em todo caso, não sabemos realmente quem alterou o título (Alphonsus de Guimaraens ou os organizadores de suas obras após sua morte). Com efeito, numa nota explicativa de João Guimaraens, o mesmo registra que (na obra **Poesias**, aqui utilizada): "CANÇÃO XXXIII, "Ismália": foi publicado com o nome de "Ofélia". "*Quando Ofélia enlouqueceu...*" transformado depois em *Ismália*, diante talvez da possibilidade de ser a canção tomada como referente à *Ofélia* shakespereana" (Nota 23, p. 573). Para mais detalhes e esclarecimentos em relação à gênese de *ISMÁLIA*, ver RICIERI, Francine Fernandes Weiss - *As várias formas de Ismália: espelhamentos, tensões, poéticas*. In: **Manuscrita**, Revista de Crítica Genética (FFLCH-USP), São Paulo, n. 11, pp. 189-200, 2003. Bem como a tese de doutorado da mesma autora - **A imagem poética em Alphonsus de Guimaraens: espelhamentos e tensões**. Campinas: UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem, 2001. 215p. [Tese de doutoramento]. É fundamental também citarmos a dissertação de mestrado de GUILHEN, Ellen - **A morte de Ofélia nas águas: reflexos da personagem de Shakespeare na poesia simbolista brasileira**. Campinas: UNICAMP, 2008. 234p. [Dissertação de mestrado]. Do mesmo modo ver o

² *Ismália*. In: GUIMARAENS, Alphonsus de. **Poesias**. 1º volume. 2ª edição aumentada e revista por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955. p. 318-319. Obra em dois volumes. 703p.

interessante livro A "Ismália" de Alphonsus, de GALVÃO, Jesus Bello. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985. 127p.

- Quem foi Ismália? Realmente ela existiu, ou foi simplesmente uma criação literária? À parte essas indagações e suas respectivas respostas, inferimos que Ismália poeticamente foi uma linda mulher; uma bela jovem de quinze anos de idade (período em que toda mulher torna-se muito atraente e sedutora em demasia). Ismália, assim a consideramos, tinha cabelos melena e demasiada sensualidade. Como a maioria das meninas de quinze anos, possuía uma pele macia e perfumada. Além de um quadril sinuoso bem acentuado. Uma voz delicada e sutil, e um caminhar bastante suave. Sua silhueta deixava os homens asfixiados. Decerto, nesse período toda debutante vive a época mais sublime para uma mulher: torna-se uma deusa para os homens e ao mesmo tempo é muito desejada por todos.

Alphonsus penetrou o seu universo e tentou desvendá-lo. Mas muita coisa permanecerá desconhecida e não saberemos os segredos de Ismália nem de Alphonsus. Portanto, o enigma ismaliano nos perseguirá sempre. Consideramos o poema Ismália um fragmento de toda produção guimaraenseana. Isto é, Ismália é uma obra incompleta. Vê-se que seu criador não a terminou, deixando-a inacabada. Apesar de ser um simples "poema" e exibir toda a sua perfeição, Ismália continuará sem conclusão (o que singularmente fascina a arte poética).

O poema com um todo apresenta de forma ímpar um jogo bem acentuado da idéia pendular (oscilante); duplicidade em toda a sua construção/estrutura. Um caminho de mão dupla bem traçado, é assim que o poema está constituído. São cinco versos em quadras ou, como queiram, cinco estrofes elegantes e todas numa perfeição singular. O ritmo e as rimas são delicadas e ricas de detalhes para serem explorados. O mesmo se pode dizer das frases ou versos compostos, cujos mesmos expõem a pintura poética de Ismália; como também do seu criador (Alphonsus de Guimaraens).

De forma imanente, Alphonsus nos deixa em dúvida. Ismália enlouqueceu em razão do quê? A primeira estrofe nos instiga a continuar buscando o entendimento do ocorrido. Uma configuração importante e precisa, assim consideramos, numa poesia como essa (relação íntima entre paixão e loucura). Certamente o início do poema nos

faz lembrar de Ofélia³ quando a mesma se inclina e cai - ou salta - nas águas de sua morte. De modo análogo, claro, Ofélia enlouquece antes de morrer.

Ismália e Ofélia comentem suicídio, ou simplesmente foi um acidente das circunstâncias da vida (de moças apaixonadas)? Ambas buscaram tal fim, ou fora um impulso do instinto humano por amor? O acontecido foi intencional ou não houve intencionalidade no ato irreversível das lindas donzelas? (assim imaginamos).

Bem, podemos inferir que Ismália, visivelmente desesperada e aflita, sobe na torre (supostamente um farol marítimo à beira mar ou próximo ao mar), e começa o seu delírio onírico e real das duplas visões: *viu uma lua no céu, viu outra lua no mar*. Na realidade, essa dupla visão não é total devaneio, absoluta alucinação ou divagação, mas sim o reflexo da lua sobre as águas do mar. Eis o término da primeira estrofe.

Na seqüência, à partir do momento em que Ismália se perde no êxtase e no transe existencial do seu instante, vê-se mergulhada no luar, e não nas águas do mar à sua frente. Muito embora sua consciência tenha tido um lapso de lucidez: *queria subir ao céu, queria descer ao mar...* (conforme o final da segunda estrofe). É nesse contraste entre o real e o fictício que Alphonsus nos traduz sua Ismália decididamente numa beleza estética quase palpável. Pois Ismália, neste contexto poético, é apenas uma criação literária. Mas parece ter vida própria. Portanto, ela é um absurdo de perfeição poética e imaginária (entre razão e desrazão há o infinito imaginário humano); uma espécie de fenomenologia existencial transcendendo o metafísico.

Após esse desvario, Ismália se pôs a cantar o cântico da alucinação paradoxal e ambíguo, porém, genialmente o seu criador Alphonsus nos envolve na melodia de sua canção: *estava perto do céu*, ao mesmo tempo em que *estava longe do mar...* (embora ele estivesse próximo do mar e distante do céu [finalizando a terceira estrofe]). Essa passagem talvez seja o momento sublime para Ismália, pois além do exposto antes, a personagem vive o "centro" da construção do poema, ou seja, a extremidade inicial já ficou marcada, mas seu fim ainda promete um "mundo". Em outros termos: é nesse ínterim em que Ismália dialoga com a ontologia, quer dizer, a *ode* está em andamento formando e deformando o seu Ser (Ismália).

³ Personagem da obra *Hamlet*, de Shakespeare. - Lembremos que a primeira publicação de Ismália foi sob o título de Ofélia (em 1910). Algo muito importante para compreendermos tal semelhança ou aproximação poéticas.

Quando em seu doce anseio *Ismália* se transforma em transcendência pura, ela, inexoravelmente *a mulher metafísica*, volta a sua Cosmovisão de catarse para a primeira estrofe de maneira encantadora e deslumbrante: *queria a lua do céu, queria a lua do mar...* Já que a lua e o mar eram seus referências singulares naquele ápice transcendental; e o começo do poema se caracteriza pelo declínio agudo da recitação para com a lua e para como mar. E assim, como numa velocidade poética e artística inexplicável (rapidez ou lentidão estética?), *Ismália* descansou do sofrimento em que permanecia: *sua alma subiu ao céu, seu corpo desceu ao mar...* A morte da amada chega para *Alphonsus* como um fantasma alegórico dando-lhe o beijo mortal. Porém, *Ismália* expira sem melancolia e sem lamentação. Como leitores, percebemos o profundo amor, um amor de perdição e de salvação entre *Ismália* e seu criador (*Alphonsus*). Entre o real e a ilusão existe o mistério. E o mistério é aquilo que faz o homem sonhar.

O final do poema nos sugere que - apenas para uma simples ilustração exemplar -, *Ismália*, assim como *Ofélia*, tenha caído sobre as águas virgens de um lugar (mar) especial para uma jovem apaixonada lançada às purezas existenciais. Nesta acepção, inferimos que *Ismália* e *Ofélia*, no pensamento de *Alphonsus de Guimaraens*, por assim dizer, são a mesma ninfa e musa mitológicas em sua poética magistral.

É possível imaginarmos sua queda do alto da torre: pensando ser um anjo⁴ rufando suas asas, *Ismália* de braços abertos cai ao encontro das águas marítimas (com suas ondas e teus cantos elegantes de uma maré especial); podemos imaginar a sombra do teu corpo esbelto se projetando na torre como reflexo da luz do luar; o vento soprando tuas roupas e a deslizar tocando delicadamente o teu corpo de donzela ingênua e imagética numa solene oscilação. Nessa ocasião, o teu vestido é de um tecido muito leve e macio, cor de amor. E o ar de brisa desliza levemente roçando os teus lábios virginais. Podemos ouvir o sussurro e o gemido dos teus prazeres pela imaginação. Da mesma maneira, é possível imaginarmos o teu semblante de inocente durante a queda. Ela, *Ismália*, respirando e suspirando de felicidade, toda iluminada pela luz do luar. É

⁴ É fundamental salientar o aspecto religioso de *Alphonsus de Guimaraens*. E nas últimas estrofes podemos observar a *libertação* de *Ismália*, por assim dizer, por meio da religiosidade. O poema nos deixa a impressão do sofrimento, da opressão e do sufocamento do personagem feminino em relação às restrições direcionadas às mulheres. Por conseguinte, vê-se que desde há muito não era permitido à mulher expor suas idéias. Assim sendo, *Ismália* asfixia até morrer. Conquanto *Alphonsus* declame suas súplicas ao derradeiro suspiro de sua deusa, numa embriaguez oscilante.

interessante dizer que no instante da queda aquele ar de brisa mareal acaricia os teus sensíveis e suaves seios carnosos, de um rosa pálido, mas vivo. Bem como é possível pensarmos também a brisa do mar tocando em ondas os teus cabelos e mostrando profundamente a tua nudez... [digo-lhe honestamente, *quero tocar no teu corpo, Ismália...*] e revelando o teu último olhar e o último aceno. Por fim, Ismália se choca com as águas do mar, num mergulho perfeito, quase ornamental; o som do impacto ressoa sobre a enseada. Os pássaros noturnos lamentam sua decisão. Admiravelmente, seu corpo flutuando sobre as águas mareas espumantes permanece deslumbrante diante da tragédia que lhe acontece (acompanhamos seu trágico fim). As ondas abraçam Ismália e a leva num movimento oscilante em que parece nos dizer: ela descansa pacificamente. Após um breve momento flutuando sobre as águas, num silêncio catártico e que se rompeu por meio das ondas da maré, Ismália graciosamente se descola em direção ao fundo do mar e desaparece para desespero e alívio dos leitores.

Pensamos, de modo provocativo com Winkelmann, que aquelas estátuas gregas com as roupas coladas ao corpo se parecem com Ismália que acabara de sair das profundezas do oceano, cujas vestes (véus) mostram suas dobraduras/ondas em virtude do peso do líquido em contato com o leve tecido e ao toque com o corpo sedutor da mais atraente criatura divina: a mulher. - Contudo, Ismália não sai das águas, é mera ilusão por parte dos leitores, porém, sua imagem se mantém congelada em nossa mente. Ela permanece flutuando em nossa imaginação e continuará no interior da nossa psique até quando acreditarmos no poder da arte literária. Assim como a Helena homérica ainda nos seduz há milênios.

A leitura de Ismália nos faz compreender que há uma sincronicidade psicossomática profunda em todo o poema. Existe um movimento de aproximação e distanciamento, de verdadeiro e falso, de lateralidade - provocando uma sensação de bem estar e de angústia simultaneamente. Do mesmo modo há um profundo entendimento de coragem e medo, natureza e humanidade, de urbano e rural, do conflito entre a vida terrena e a alma (vida real e ideal); assim como nos transparece a idéia de claro e escuro, conquanto Ismália esteja vivendo, naquele instante, na penumbra de sua razão sentimental. Em todo o caso, o referido poema tenta decifrar uma vida: os arquétipos agem de forma atemporal, sensivelmente. Entre a loucura e a razão há um pequeno filamento. Ismália não está perdida, apenas desconstruída. Tão cheia de

"desejo de amor"⁵: eis o significado grego de *Ismália*. - A vida é um delírio. A vida é um sonho. Vivemos o sonho da vida. Vivemos o sono da ilusão: vida. Ou melhor, somos vividos oniricamente. A vida é uma enigma!

Na *ode Ismália*, o passado e o futuro estão no "agora" presentes. A musicalidade na métrica confessa um texto "completo" (apesar de incompleto), provocando um toque prazeroso nos sentidos. Não podemos esquecer que todo o processo acontece à noite. Possivelmente ao luar de lua cheia. Portanto, temos uma noite bastante clara; quando a gravitação se intensifica. Inferimos também que nessa noite "estranha" haviam poucas nuvens no céu noturno e muitas estrelas brilhando favorecendo a perplexidade da criação e do criador poéticos. Não sem exagero, lembremos: poderemos nos referir aqui, como simples ilustrações, a alguns personagens femininos marcantes da literatura mundial: Charlotte, no *Werther* de Goethe; Julieta shakespeariana, Helena na *Odisséia* de Homero, Ismênia em Sófocles, e outras tantas, cujas mesmas nos deram e ainda nos dão tantos prazeres. Com isso, podemos defender consideravelmente a presença inegável do *Romantismo em Ismália*. Algo já referido antes quando afirmamos a forte presença do romantismo na estética arquetônica de Ismália.

No poema *Ismália*, também podemos observar a substância do misticismo, do hermetismo, do sincretismo, do profundo intelectualismo, em poucas palavras: do vivido e do imaginado, da vivência e da imaginação. Nesta acepção, há uma representação de opostos que se atraem e se retraem concomitantemente num movimento legítimo de ação e efeito incríveis. Ou seja, as palavras fixadas, a entoação melódica, a métrica satisfatória e visivelmente exposta - de quatro por quatro e a rima consubstanciada, indicam certamente um profundo conhecimento explícito em toda a arquitetura da ode.

Na prosa poética - em nosso caso específico, *Ismália* -, vemos a "dialética" envolver e influenciar o todo da construção literária. Em outros termos precisos: num espaço-tempo conjugados, a geografia se preocupa com a *Est-ética* da paisagem, é verdade, mas também com a *Ética* humana, pois o próprio homem já a possui em sua *Gen-ética*, entretanto, o ser humano precisa desenvolvê-la e para isso a educação possibilita a consolidação especial do comportamento ontogenético e filogenético

⁵ "O nome "Ismália", do grego, significa "desejo de amor"". In: O'HARA, Larissa. *O Simbolismo em Ismália*. p. 05. In: **REEL** – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 3, ano 10, n. 14, 2014. 11p.

humano, por vezes e efetivamente por intermédio da literatura, ou melhor, por meio da Arte conseguiremos realizar o Homem (fenomenologia da arte). Certamente o homem é na criação, fazendo-se. Portanto, educar é transformar-Ser.

A geografia referida anteriormente é o lugar à beira mar onde *Ismália* se realiza; o lugar onde tudo acontece e tem um fim; o lugar da travessia de *Ismália* durante o seu percurso entre o acordar e o seu adormecer imagéticos. Todavia, *Ismália Poética* permanece viva na memória humana e sua *Ética* está embutida ou enraizada em sua *Genética* que lhe pertence, e sua *Estética* brilha e reluz esmero harmoniosamente.

Alphonsus de Guimaraens, de modo simples e ao mesmo tempo de modo complexo e genial, nos traduziu em *Ismália* a sua filosofia psicológica e a mais ampla razão literária, e de forma singular: a poesia é a manifestação subjetiva do poeta. E a arte, como um todo, é a manifestação subjetiva humana na objetividade. Ou mais precisamente: a arte é subjetivação objetivada. Eis, então, a razão de ser da Arte: realizar o homem.